

Crónica de onomástica paleo-hispânica (28)

* DGPC.
afaria@dgpc.pt

António Marques de Faria*

O autor escreve
segundo o Acordo
Ortográfico de 1945.

Resumo Nas páginas que se seguem, a antroponímia e a toponímia ibéricas continuam a merecer a maior parte da nossa atenção.

Abstract In the following pages, ancient Iberian place and personal names will continue to deserve our special attention.

ADIMEIS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. Não é fácil resistir à tentação de corrigir ADIMEIS por ADIMELS (Schuchardt, 1909, p. 243). Convirá, no entanto, contemplar a hipótese de ADIMEIS corresponder a **adin-beis*, eventualidade que surge reforçada pela individualização de *beis* em *sofibeis* (Silgo, 1994, p. 74). O ND paleobasco BEISIRISSE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 315, n.º 473) poderá igualmente conter o segmento onomástico em causa, ainda que concorra contra esta hipótese o facto, até hoje sem paralelo, de tal componente figurar em posição inicial.

Antes de mais, refira-se que a tese aqui re-presentada (Faria, 2007a, p. 162) foi alvo de tentativa de usurpação por Rodríguez (2014, pp. 118, 131). No entanto, a fim de o plágio não ser chocante, Rodríguez introduziu uma *nuance*: em vez de optar por **adin-beis*,

inventou — tropegamente, diga-se — **adi(n)-ibeis*, uma construção que jamais poderia dar lugar a ADIMEIS, e à qual Simón (2018a, p. 43 e n. 15) achou por bem dar crédito.

Deduz-se do exposto que, além de inadmissível no plano metodológico, consideramos totalmente arbitrária a postura assumida Ferrer, Velaza & Olesti (2018, p. 181) ao apresentarem a lição ADIMELS como um facto inquestionável.

aidutigef. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Não podemos permitir que Rodríguez (2016 [2017], p. 250) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da correcta transliteração de **aidutigef** e da respectiva interpretação como NP ibérico (Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a,

p. 68, 1998a, p. 230, 2001a, p. 96, 2004a, pp. 276, 277, 2004b, p. 175, 2007a, p. 163, 2015, pp. 125, 138).

aiunofTin. Lâmina de chumbo. El Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). Benages, 1990, pp. 41–43.

Não podemos permitir que Rodríguez (2016 [2017], pp. 250, 252) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da interpretação de **aiunofTin** como NP ibérico (Faria, 1992–1993, p. 277, 1994a, p. 68; Silgo, 1994, pp. 34, 216).

aPuloraun. Mosaico. **Andelo* (Muruzábal de Andiön, Navarra). Mezquíriz, 1991–1992, pp. 365–357; *MLH* IV K.28.1.

Reiteramos aqui pela enésima vez que estamos perante um NP ibérico trimembre — **aPu-lor-aun** — seguido do sufixo de dativo -e (Faria, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 2000a, pp. 122–123, 2002a, pp. 121–122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 302, 2006, p. 117, 2011 [2012], p. 148, 2012, p. 102, 2014, p. 182).

Não vamos nesta ocasião tratar do supracitado NP, que identifica o beneficiário/destinatário da acção/obra de **liCine** (Faria, 2000a, p. 122, 2002a, p. 121), sendo somente nossa intenção sublinhar a individualização na inscrição em causa do sufixo de dativo -e, questão que foi objecto de tratamento mais ou menos circunstanciado nas últimas décadas (Untermann, 1984, pp. 113, 114, 1985, p. 43; Silgo, 1992, pp. 772–773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Faria, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 1997, p. 106, 1998a, p. 231, 1999, pp. 154, 155, 2000a, p. 122, 2002a, pp. 121, 131, 2011 [2012], p. 148, 2012, p. 102, 2014, p. 182; Tolosa, 2000, p. 144; Orduña, 2005, p. 229; Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, p. 269).

Sem embargo das dúvidas que manifestámos a respeito de uma tal relação (Faria, 2000a, p. 122), não é de descartar a identificação deste sufixo com o que ocorre com a mesma função nalgumas inscrições votivas da Aquitânia (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, pp. 326, 373, 1984b, pp. 263–264; Silgo, 1992, pp. 772–773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Faria, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 1997, p. 106, 1998a, p. 231,

1999, pp. 154, 155, 2000a, p. 122, 2002a, pp. 121, 131, 2011 [2012], p. 148, 2012, p. 102, 2014, p. 182; Trask, 1997, p. 402), sendo admissíveis duas alternativas a esta teoria: que o mesmo corresponda a um dativo gaulês (Christol, 1992, pp. 23, 25; Lambert, 2003², p. 61) ou à desinência latina -a(e), também de dativo (Jimeno, Tobalina & Velaza, 1998, p. 293).

Em contrapartida, Rodríguez (2002, pp. 130–131, 2004a, p. 336, 2010, pp. 129–130 e n. 17) foi assaltado durante longos anos por lancinantes dúvidas acerca da adequada exegese de -e, chegando inclusive, há relativamente pouco tempo (Rodríguez, 2014, p. 116) — num longo artigo em que nos tentou usurpar a descoberta/identificação de mais de seis dezenas de NNP ibéricos ou de elementos onomásticos deles participantes (Faria, 2015, pp. 137–138) —, a caracterizar o segmento onomástico -*śu* (Faria, 2002a, pp. 133, 138) como sufixo de dativo, uma proposta que, tal como o próprio reconheceu, já havia sido advogada por Velaza (1996, pp. 316, 331).

Só agora Rodríguez (2017 [2018], *passim*), depois de uma análise aturada, chegou à conclusão de que -e constitui, a par de -er (Orduña, 2005, p. 229), o sufixo ibérico de dativo.

Tal como era de recear, quase toda a bibliografia que, antes dele, sustentou a mesma ideia foi condenada ao ostracismo. Enfim, *nihil novi sub sole*.

Sobre o putativo sufixo de dativo -*śu*, num artigo significativamente intitulado “La cuestión del dativo en la lengua íbera”, nem uma só palavra, o mesmo acontecendo, de resto, com o pretense sufixo de dativo -*ke*, cuja existência tinha sido advogada pelo mesmo autor noutra ocasião (Rodríguez, 2002, p. 130).

Importa deixar bem claro que a decisão tomada por Rodríguez contou com o beneplácito de quem aceitou o original para publicação na revista *Philologia Hispalensis*: < <https://revistascientificas.us.es/index.php/PH/index> >.

BALCIBIL(us). Tábua de bronze. Roma. *CIL* I², 709.

Ao arrepio de uma pretensão assumida por Schuchardt (1909, p. 242), que chegámos a secundar (Faria, 2008a [2009a], p. 64) na companhia de Silgo (2009 [2010], p. 143), parece-nos agora preferível, em função da *ordinatio* do texto em causa, encarar

BALCIBIL como NP abreviado (Faria, 2013, p. 189). Nesta conformidade, BALCIBIL estaria por BALCIBIL(us) (Criniti, 1970, p. 210; Untermann, 2001, p. 21, 2005, p. 1092), e não por BALCIBIL(os) (*contra*, Criniti, 1970, pp. 186, 206, 207, 210, 228; Untermann, 1987, pp. 298, 300, *MLH* III 2, p. 218; Moncunill, 2012, p. 190) ou por BALCIBIL(is) (*contra*, Silgo, 2009 [2010], p. 143). **Balcibilus* conformaria, deste modo, a latinização de **Balcebilos*, estendendo-se a passagem de *balce-* a *BALCI-* ao NP BALCIADIN (Correa, 1994a, pp. 269–270), que identifica no Bronze de *Asculum* o filho de BALCIBIL(us).

Βασιγερος. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Já observámos por diversas vezes que Βασιγερος, helenização do NP ibérico **basigere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; De Hoz, 1993, p. 658; Faria, 1999, p. 154), é segmentável em **basi-gere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; Faria, 1999, p. 154, 2000b, p. 62, 2001a, pp. 97–98, 2003a, p. 215).

Falta, por conseguinte, toda a legitimidade a Ruiz Darasse (2016, p. 123, n. 47) para avocar a autoria da segmentação de **basigere* em **basi-gere*.

Apesar de alguns investigadores terem aprofundado o contrário (Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 37; Correa, 1992, pp. 266, 283, 1994a, p. 273, n. 25, 1994b, p. 341; Silgo, 2000, p. 515), Βασιγερος não contém qualquer duplo *gamma*.

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Forte del Rey (Jaén). Corzo & alii, 2007 [2008], *passim*.

Muito embora não seja a nossa análise favorita, a verdade é que nos cabe a prioridade na segmentação do presente ND em **bete-atun* (Faria, 2008a [2009a], p. 67).

Tal facto foi completamente ignorado por Ferrer em duas ocasiões distintas (Ferrer, 2018, p. 112; Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 182).

BETER. Inscrição rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 176.

Onde Ferrer, Velaza & Olesti (2018, p. 176) lêem BETEPE[-] como patrónimo, preferimos ler BETER F.

Uma observação cuidada da Figura 5 do trabalho destes autores (Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 177) permite-nos distinguir com elevado grau de certeza uma abertura para a direita da parte inferior da curvatura do suposto <P>, no que será o topo da haste direita (oblíqua) do <R>; por outro lado, não se vislumbra na mesma foto a barra horizontal inferior do pretense <E>.

Estamos, portanto, perante um *nomen simplex* ou “Kurzname”. Os *comparanda* para este idió-nimo devem ser procurados no âmbito da toponímia ibérica, designadamente em **PeTe[r?]a**, o nome de uma ceca de localização indeterminada (Faria, 2007a, p. 167), a identificar com **Beterra* (Strab. Geog. 3.4.9). Também o NL *Bétera* (Valência), testemunhado a partir da Idade Média, deverá remeter para o ibero (Ledo, 1999, *passim*), nada obstando a que configure um homónimo do NL atestado na numismática.

Em contrapartida, ao invés do que supõe Amela (2018, *passim*), são muito reduzidas as probabilidades de a legenda monetária BHTARRATIC filiar-se no NL *Beterra* (Faria, 2008a [2009a], pp. 65–66, 2015, p. 131).

BODONILVR. Friso de calcário com epitáfio e relevos. *Vrgauo* (Arjonilla, Jaén). *CILA* 6, 467; *CIL* II²/7, 91.

Passou-se década e meia desde que nos vimos na obrigação de explicar a Rodríguez o seguinte (Faria, 2004a, p. 298):

A sugestão de Rodríguez (2002[a] [2003][a], p. 266) no sentido de encarar o elemento onomástico **oto** (provavelmente **oton**) como variante de **bodo** (provavelmente **bodon**) não tem grande fundamento, dada a ocorrência de oposição de sonoridade entre as oclusivas dentais em presença (Faria, 1995a, p. 327, 2002b, p. 234, 2004a, p. 298).

Reiterámos a explicação há pouco tempo (Faria, 2011 [2012], p. 169), mas Rodríguez (2018, p. 198), contando agora com a cumplicidade de ilustres *referees* arregimentados pela revista *Veleia*, “esqueceu-se” convenientemente do nome de quem lhe ministrou a lição.

CoPešíf. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993,

pp. 164–165.

Não podemos permitir que Rodríguez (2018, p. 193) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor quer da transliteração quer da subsequente interpretação de **CoPesir** como NP ibérico (Faria, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122–123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305, 2004b, pp. 180–181, 2006, p. 116, 2007a, p. 167, 2011 [2012], p. 163, 2012, p. 95).

CuruCuru/aTin. Moedas. **Persa** < **Bersa* (localização indeterminada). *CNH* 439:1.

Não cremos que possam restar grandes dúvidas quanto à interpretação de **Crucuru* < **CuruCuru** como NP céltico (Faria, 2008a [2009a], pp. 73–74).

No tocante a **Persa** < **Bersa*, é evidente que estamos perante um NL ibérico (*MLH* I 1, p. 222; Siles, 1977, p. 168; Faria, 1994a, p. 65, 1995b, pp. 80–81, 2005b, p. 278, 2010 [2011], p. 93, 2014, p. 170).

Já no que diz respeito a **aTin**, a sugestão formulada por Feugère & Py (2011, p. 315), tendo por base algumas legendas gravadas em numismas coetâneos produzidos pelos chamados “reis gauleses” (Feugère & Py, 2011, p. 298), no sentido de encarar aquele vocábulo como um “titre honorifique, peut-être l’équivalent ibérique de Βασιλειος [*sic*, por Βασιλεύς ou Βασιλέως (gen.)]” (Feugère & Py, 2011, p. 315), em prejuízo da sua interpretação como NP (Faria, 2008a [2009a], pp. 73–74, 2015, p. 128, Quadro 1, 2016, p. 160, 2018, p. 118), afigura-se deveras sugestiva, mas carece de maior fundamentação; nas linhas seguintes trataremos de procurá-la.

Em primeiro lugar, numa análise comparativa interna, o significado de ‘magistrado’ ou ‘chefe’ pode ser deduzido de NNP como **ilTiraTin** e **ilTuíaTin** (*MLH* III 1, p. 212), que admitem uma tradução como ‘magister / magistratus civitatis’, *vel sim*. Poderá não ser mais do que uma mera coincidência a circunstância de **ilTiraTin** identificar um magistrado da cidade de **Ipolca* / *Obulco*. Também *Baesadine* (abl.) (Liv. 23.4.4) (*MLH* III 1, p. 212) é nome que corresponde ao detentor de um título ou de uma magistratura, quizá de carácter militar (*imperator*).

Em segundo lugar, já numa perspectiva de comparação interlinguística, o NP híbrido (celta e ibero) **DANNADINNIS** (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 192, n.º 154) deixa entre-

ver uma sinonímia entre ambos os membros do composto.

Optamos nesta ocasião pela pertença de *adin* ao ibero, mas há que contemplar a hipótese de o mesmo fazer igualmente parte da onomástica paleobasca / aquitana (Gorrochategui, 2013, p. 27), uma eventualidade que permitiria adicionar **Dannadin* aos diversos exemplos de NNP galo-aquitano já identificados (Gorrochategui, 2013, p. 26).

O elemento inicial *dann-* é seguramente assimilável ao gaulês *danno-* (Gorrochategui, 1984a, p. 192), termo ao qual se atribui o significado de ‘magistrado / curador’ (*DLG*, p. 135). Do nosso ponto de vista, um paralelo plenamente céltico no plano semântico para **Dannadin* < **Danno-adin* poderá ser encontrado em *Dannorix* (Delamarre, 2007, p. 82), uma analogia que assenta na equiparação, aqui por nós defendida a partir da hipótese lançada por Feugère & Py (2011, p. 315), entre *ib. adin* e *celt. rix*.

deitatar. Fundo de jarro de cerâmica. La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Saragoça). Díaz & Mínguez, 2009, *passim*.

Recorrendo a argumentação de vária ordem (Faria, 2014, p. 171), defendemos há alguns anos a hipótese de **deitatar** consistir num NP de origem geográfica que em latim se traduziria por **Deitanus*, a juntar a vários outros NNP ibéricos deste tipo que coligimos noutra ocasião (Faria, 2013, p. 196).

**Deitanus* remeteria naturalmente para a *regio Deitania*, mencionada por Plínio (*nat.* 3.19). Este corónimo, por sua vez, derivaria do NL **Deita* (Fernández-Guerra, 1879, pp. 19, 20, 23, 53) < *celt. *Dexta* < **dexto-* (Prósper, 2005, p. 305), documentando-se este mesmo radical em diversos NNP célticos (Delamarre, 2007, p. 219: *decto-*).

Ao arripio da opinião emitida por Untermann (*MLH* VI, p. 381), nem a localização nem, muito menos, o sufixo são indicadores de que estamos na presença de um etnónimo ibérico. Já Silgo (2013a, p. 532) havia propugnado esta mesma filiação linguística simplesmente com base num segmento tão curto e incharacterístico como é o caso de /dei/. Em contrapartida, a ocorrência de /d-/ é factor decisivo (mas não único) para a inclusão de *Deitania* na coronímia de origem céltica (Faria, 2014, pp. 172, 173). Sustentámos igualmente que *Deitania* deveria

analisar-se como **Deita-(a)nia*, e não como **Dei-tania* ou **Deita-tania*, tal como parecem postular Silgo (2013a, p. 532) e Moret (2017 [2018], p. 144), afirmando este último, a propósito do etnónimo *Contestani*, que “une formation en *-ani* (...) n’aurait pas de parallèle dans les ethnonymes latinisés de la façade méditerranéenne de l’Espagne”.

Não surpreende que o lapso em que incorreu Moret acerca da adequada segmentação de *Contestania* < *Contestani* — lexema que toma erroneamente por ibérico (Moret, 2017 [2018], p. 144) — tenha contaminado de modo implícito a análise de *Deitania* (Moret, 2017 [2018], p. 144). Valha a verdade que Moret não foi o único a cometer o erro de atribuir ao radical de *Contestani* uma filiação ibérica (Faria, 2002a, p. 134; Luján, 2005 [2006], p. 487, 2007, p. 64; Silgo, 2013b, pp. 123–124; *MLH* VI, p. 366). Acontece que, à semelhança do que sucede com o corónimo *Deitania* (Faria, 2014, p. 172), também *Contestania*, a segmentar em *contest-ania*, configura com toda a probabilidade um vocábulo de origem céltica cognado de *Contextos* ‘companheiro’ (Holder, 1896, col. 1107; Schmidt, 1957, p. 181; Nieto, 1997, p. 135; De Bernardo Stempel, 2002 [2003], p. 117, 2008, p. 103 e n. 22; Sims-Williams, 2006, p. 231; García Alonso, 2006 [2007], p. 103, 2007, pp. 187–188; Delamarre, 2007, p. 234, 2012, p. 122; *DCCP-N*, p. 107).

eTesilir. Vaso de cerâmica. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2 F.7.1.

É verdadeiramente lamentável que Moncunill (2018, p. 348, n. 14), ao corrigir as transliterações aventadas por Untermann (*MLH* III 1, p. 231) e Rodríguez (2014, p. 190), não se tenha referido à segmentação por nós proposta (Faria, 2011 [2012], p. 159) — **eTe-s-ilir** — deduzindo-se da mesma a correspondência do componente final com *ildir*, ideia que, de resto, já constava de outro trabalho nosso (Faria, 2005a, p. 168).

Ελευρας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53. Temos vindo a sustentar há mais de duas décadas que a leitura Βλευρας deve dar lugar a Ελευρας, um NP ibérico que já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbas**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (B.9.1; Faria, 1994a, p. 69, 1998b, p. 234, 2000a, p. 131,

2000b, p. 63, 2001a, pp. 99–100, 2003b, p. 323, 2004a, p. 292, 2006, p. 118, 2007a, p. 170, 2011 [2012], p. 166). Não obstante, temos plena consciência de que o fantasmagórico Βλευρας, tido alternada ou sucessivamente por “autóctone”, “indígena”, “lígure” ou “liguróide” (v., já na presente década, De Hoz, 2011, p. 41 e n. 20), irá oferecer resistência durante muitos anos, em virtude dos numerosos apoiantes que tem sabido concitar, desde os *editores principes* (Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53) até Ruiz Darasse (2016, pp. 123–124), que, sobre o NP em questão, cometeu a proeza de debitar um sem-número de disparates em tão poucas linhas. Também Dana (2015, p. 131) e Gorgues (2016, pp. 197, 198) entenderam por bem contribuir para a propagação do dito erro de leitura, com a agravante de a investigadora romena considerar “Βλευρας” um NP “muito provavelmente” ibérico, o que seria impossível à luz da fonotaxe deste idioma.

GAISCO. Inscricção rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 180.

Se a aproximação de *gais* ao segmento final de **PilosPalCarCais** (E.1.372) se afigura de grande pertinência (Michelena, 1958, p. 43 e n. 23; Orduña, 2005, p. 337), não podem restar quaisquer dúvidas de que o paralelo perfeito para *Gaisco* reside obviamente em *Gaizco*, cuja primeira atestação, na circunstância como sobrenome, através da forma *Gaizcho*, figura em documento datado de 1068, pertencente ao *Becerro Antigo* de Leire (Michelena, 1997⁵, p. 91; Ciérbide, 1996, p. 125; Orpustan, 1999, p. 319). É completamente incompreensível que a identificação entre ambos os NNP, aqui posta em evidência, não tenha sido alvo de uma só linha por parte de Ferrer, Velaza & Olesti (2018, p. 180).

Não sendo este novo testemunho de *Gaisco* posterior ao principado de Augusto (Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, pp. 192–193), temos de refutar o parecer emitido por Michelena (1997⁵, p. 91), aparentemente seguido por Ciérbide (1996, p. 125), no sentido de encarar *Gaizco* como variante de *Gaizto*, por dissimilação consonântica. De resto, do nosso ponto de vista, não é possível definir uma diacronia na criação dos sufixos *-co* e *-to* em paleobasco / ibero.

GESEL'AD'ĒN / GESEL'AND'ĒN. Estela de arenito. Proveniência indeterminada (Valpalmas, Saragoça?). IRMN 58.

Continuamos a conferir uma grande consistência à hipótese de estarmos perante um NP trimembre (Faria, 1995b, pp. 80, 81–82, 1997, p. 106, 2000a, pp. 123, 131, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116, 2008b [2009b], pp. 149–150, 2015, p. 136, 2016 [2017], p. 115). Seja como for, encontrámos há pouco tempo um dado passível de servir de argumento a quem, de Velaza (1993, p. 80, 1995, p. 213) a Moncunill (2018, pp. 343, 354), vem individualizando no dito NP os segmentos *kesel* (sic) e *adin*. Convirá notar que, ao invés do que se passa com a segmentação da nossa autoria, assente em *comparanda* de atestação inquestionável, a que foi proposta por Velaza pressupõe a existência do elemento onomástico ibérico *gesel* (de preferência a *kesel*), para o qual nunca foi aduzido qualquer paralelo, um problema que este mesmo investigador não deixou de reconhecer (Velaza, 1995, p. 213, n. 29).

O dado a que acima aludimos refere-se ao cotejo de *gesel* com GESELLI (gen.) (ILA Auscii, 4; < <http://petrae.huma-num.fr/fr/fiche?p01=160101500004> >), patrónimo de LAVREIA, denotando este NP uma clara ascendência paleobasca / ibérica (Faria, 2002a, p. 133). Semelhante atribuição linguística sai de algum modo reforçada pela circunstância de ambos os NNP figurarem unicamente numa inscrição votiva descoberta em Auch (Gers). Tanto quanto sabemos, nenhum dos defensores da caracterização de *gesel* como elemento antroponímico ibérico evocou o dito patrónimo como paralelo, talvez porque o mesmo tem sido lido como CESELLI (Gorrochategui, 1984a, p. 184; Martínez, 2018, pp. 531, 536).

A gemação da lateral em GESELLI (gen.) não põe em causa a legitimidade da conexão ora formulada, encontrando-se aquela igualmente testemunhada em VRCHATETELLI (dat.) (CIL II, 2967; Gorrochategui, 1984a, p. 288, n.º 381). Importa, no entanto, assinalar que os dois NNP remetem para diferentes declinações latinas. Ainda na presunção de que GESELLI (gen.) configura um idiónimo paleobasco, é de admitir, em alternativa à analogia acima sugerida, que o mesmo represente uma versão latinizada de **Gesil(l)un* ou, caso alarguemos a nossa pesquisa à antroponímia ibérica, de **gesıldir*,

gesıldun* ou **gesıldur*. A assimilação vocálica progressiva que aqui parece ocorrer encontra (ou encontraria) um paralelo em **neselTuCu < **Nesilducu* (Faria, 1991a, pp. 16, 17–18, 1991b, p. 190, 1993, p. 157, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002a, pp. 133, 135, 2004a, p. 288, 2007b, pp. 216, 223, 2012, p. 99). A confirmar-se esta exegese, a segmentação de GESELADĒN (se for esta a lição adequada) em GESEL-ADĒN ficaria de novo posta em causa.

golbeitor. Placa de chumbo. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Solier & Barboteau, 1988, p. 84.

Não descortinamos quaisquer motivos que nos levem a rejeitar a relação que estabelecemos (Faria, 2015, p. 131), por um lado, entre os NNP ibéricos **golbeitor** e **golbir** (C.4.1) e, por outro, o radical gaulês *gulb-* ‘bico’ (Billy, 1993, p. 84; Degavre, 1998, p. 245; DLG, p. 184; Russell, 2006, *passim*; Matasović, 2009, pp. 168–169) após adaptação deste último à morfologia do ibero.

De qualquer modo, independentemente da pertinência de uma tal analogia, vimos agora propor, a título meramente especulativo, uma conexão entre aqueles NNP ibéricos e o NL **Golbes** (Ribagorça), atestado num documento falso, cópia do século XII, mas cujo original poderia remontar ao ano 946 (Vázquez, 2000, p. 306, 2003, p. 769 e n. 2). Com efeito, nada obsta a que este NL remeta para um lexema ibérico, quiçá um NP que partilhasse o mesmo segmento inicial com **golbeitor** e **golbir**.

Καλλίποδος (gen. sg.). Ptol. Geog. 2.5.2; Marcian. *Peripl.* 2.13.

De preferência a ser encarado como uma corruptela (Faria, 1989, p. 73), o presente hidrónimo deverá ser considerado, usando uma expressão aplicada por Raepsaet-Charlier (2005, pp. 229–230) a determinados antropónimos, um “nome de assonância”. Tal significa que se tratava, num primeiro momento, de um nome indígena que foi deliberadamente reconfigurado de maneira a tornar-se inteligível aos leitores de Ptolemeu, familiarizados com o idioma grego (Villar, 2000, pp. 90–91; García Alonso, 2003, p. 87; Guerra, 2013, p. 336, 2017 [2018], p. 165). Com efeito, ao vocábulo

grego Καλλίπους subjaz um nome pré-latino terminado em *-ipon, identificativo da cidade homónima (Lafon, 1963, p. 404; Schmoll, 1962, p. 97; Lejeune, 1963, p. 30; Siles, 1985, p. 160, n.º 636).

Há alguns anos, Guerra (2013, pp. 335–337) dedicou ao nosso NL uma judiciosa análise, apenas escapando ao acerto da sua exposição a primazia reconhecida a Rodríguez (por justiça poética, ausente da bibliografia final...) e a De Hoz na atribuição, que reputamos indevida (Faria, 1993, p. 153), do valor fonético /h/ a 𐌆, pertencente ao signário do Sudoeste (Guerra, 2013, p. 335).

Não são raros os casos em que, na Hispânia meridional pré-romana, determinado curso de água recebeu como designação o nome de um núcleo populacional por ele banhado, pouco importando para a nossa argumentação que a formação toponímica tenha seguido a direcção inversa, i.e., a criação, na mesma região, de NNL decalcados de hidrónimos igualmente autóctones (Villar & alli, 2011, pp. 112–154).

Assim sendo, o NL em questão só pode ser o que figura em caracteres indígenas nas moedas cunhadas na ceca que precedeu *Imperatoria Salacia* no local onde hoje se situa Alcácer do Sal (Müller, ed., 1883, p. 131; Faria, 1989, p. 73, 1992a, p. 39).

Não compreendemos, por conseguinte, que, na esteira de Vasconcellos (1905, p. 17), se continue a sustentar que “o topónimo *Callipus* [tenha sido] atribuído ao Sado no decurso da Antiguidade Clássica” (Carvalho, 2013, p. 23, n. 1). Seria demasiada coincidência que uma cidade de nome indígena terminado em *-ipon fosse banhada por um rio de nome grego — pois nada possui de latino — terminado em -ἵπους (ou em -πους).

Não está, de modo nenhum, assegurado o carácter toponímico de *klpš*, grafito fenício gravado, com grande probabilidade ainda durante o século VIII a.C., num fragmento de ânfora recolhido no Castelo de São Jorge (Lisboa) não obstante ser esta a exegese preferida pelo seu editor (Zamora, 2014, pp. 310–312). Dada a natureza do suporte epigráfico, afigura-se-nos mais verosímil a interpretação do sobredito grafito como NP (não-fenício), não sendo tão-pouco de descartar que este nomeie o conteúdo da ânfora. Cremos, pois, que Zamora (2014, pp. 309–310) foi demasiado expedito na rejeição de qualquer destas

duas hipóteses.

Em face do exposto, dificilmente poderá o referido grafito servir de argumento a esgrimir no debate relativo à definição do nome pré-romano de *Salacia* ou de qualquer outro núcleo populacional do Ocidente peninsular (Zamora, 2014, pp. 310–314; Albuquerque, 2018, p. 152).

Deduz-se de Ptolemeu que o hidrónimo pré-romano, erroneamente identificado por Villar (2014, p. 245) com *Calipus*, perdurou para além do desaparecimento do NL que lhe deu origem, ao ser substituído por *Imperatoria Salacia*. Perdida gradualmente a memória daquele, ainda durante a Época Romana o rio começou a ser conhecido pelo nome **Salatus* (*fluuius*) (Vasconcellos, 1895, p. 84, 1898, p. 114; Silveira, 1922, p. 198) ou **Salatum* (*flumen*) (Du Cange, 1938, p. 280, s.u. *Salata*).

Conquanto a evolução **Salatu(s/m)* > **Salado* > **Saado* > *Sado* não se encontre atestada, todas as referências a *Sadão*, que não pode ser senão um diminutivo (Vasconcellos, 1898, p. 114, 1934, p. 281; Girão, 1955, p. 91), remetem com inteira propriedade, tal como André de Resende (1593, p. 65) já havia notado, para o curso superior do rio; é, desde logo, esta a área de aplicação que se identifica na menção mais antiga, documentada numa carta de couto datada de 8 de Julho de 1388: “Ribeira de çaadam termo dalcacer” (Baião, 1915, pp. xiii e 4). Ressalta desta constatação que, apesar das dúvidas manifestadas por Lopes (1902, p. 66, n. 1) e por Rocha (2017, p. 240), *Sadão* jamais poderia consistir num aumentativo de *Sado*.

Em consequência destas nossas reflexões, encaramos com a maior das reservas a teoria segundo a qual “a palavra *çaadam* evolui da palavra *šahada*, que quer dizer Mártires” (Carvalho, 2013, p. 33). Antes de mais, o plural do árabe *šahīd* ‘mártir’ é *šuhadā* (Carvalho, 2013, p. 33), sendo *šahada(h)* a profissão de fé islâmica. Por outro lado, ainda que nos abstraíssemos da total ausência de motivação semântica, como seria possível explicar a presença da nasal final no hidrónimo em português se o putativo étimo do mesmo terminasse em /-a/ (*alif* + *hamza*)?

Consistindo *Sadão* num hidrónimo derivado de *Sado* por sufixação, tão-pouco pode ser reconhecida grande credibilidade à hipótese de ao dito diminutivo subjazer um NP árabe,

designadamente *Sa'adun* (*contra*, Rocha, 2017, p. 240).

LACERTARIA. Placa de mármore. *Gades* (Cádiz). Molina, 1914, p. 277.

A circunstância de o presente NP se documentar (como *cognomen*) uma só vez em todo o Império romano levou-nos a sustentar estarmos perante um nome de assonância, presumivelmente criado a partir do NP ibérico **Lacertar* (Faria, 2002a, p. 132, 2005b, p. 281). Passada mais de década e meia sobre a nossa sugestão, não vislumbramos quaisquer motivos passíveis de nos levar a questionar a sua validade, a despeito das reservas aventadas acerca da mesma (Vidal, 2012, p. 278, n. 35). Aliás, as atestações medievais do nome **Lacertaria* (< *uilla?* *Lacertaria* < **Lacertarius* < **Lacertar*) —, identificativo de um lugar situado no município de Uncastillo (Saragoça) (Cortés, 2010, pp. 141–142, 2017, p. 29 e n. 36), reforçam de algum modo os fundamentos em que assenta a nossa hipótese. O NP em questão nem sequer foi mencionado por Moncunill (2018, *passim*).

laurPeřTon. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Não podemos permitir que Rodríguez (2016 [2017], p. 248) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da interpretação de *Laurbeřton* como NP (De Hoz, 1981, p. 483; Silgo, 1986, p. 18; Faria, 1990–1991, p. 86, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 2000a, pp. 135–136, 2001a, p. 96, 2006, p. 124).

Convém referir que **PeřTon** < **/berton/* (ou **/merton/*; Faria, 2014, pp. 175–176) não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Rodríguez e recolhida num apêndice (n.º 1, pp. 53–54) ao seu *Breve manual de epigrafía ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez, 1995, p. 15).

liCine. Grafito sobre campaniense B. Plaza de la Virgen (Valência). Bonet & Mata, 1989, p. 142.

É absolutamente assombroso que, passadas mais de duas décadas sobre a publicação do artigo em que Pérez Vilatela e Silgo (Pérez Vilatela, 1992, pp. 352, 354, Fig. 2) corrigiram a transliteração do supracitado grafito alvitada por Bonet & Mata (1989, p. 142) — **liCine** por **ligie** —, tanto Beltrán Lloris

(2017, p. 335, n. 43) como Rodríguez (2018, p. 201) venham reivindicar a autoria de uma tal correcção.

Creemos que vale a pena reiterar a nossa convicção de que **liCine** é justamente o mesmo NP que se encontra atestado nos textos ibéricos inscritos nos mosaicos de La Caridad (Caminreal, Teruel) e **Andelo* (Muruzábal de Andiön, Navarra) (Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 2000a, p. 124, 2011 [2012], p. 172, 2014, p. 176). Por outro lado, importa referir que quer o local de achamento — Valência — quer a natureza do suporte tornam altamente inverosímil que **liCine** designe um Celtibero. Tão-pouco será aceitável que, numa cidade povoada sobretudo por imigrantes da península itálica, um destes inscrevesse num artefacto de carácter privado o seu nome em escrita e língua ibéricas (*contra*, Pérez Vilatela, 1992, p. 352); tudo se conjuga, pois, para que o NP em causa, nas três ocorrências até agora documentadas, seja mesmo ibérico — **Ligine* (Vicente & alii, 1991, p. 122, 1993, pp. 755–756; Faria, 1992b, p. 193, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 153, 157, 1997, p. 109, 2011 [2012], p. 172) — ou, em último caso, latino — *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994a, p. 68, 1997, p. 109, 2000a, p. 123, 2011 [2012], p. 172, 2014, p. 176).

Apesar de ambas as hipóteses de atribuição linguística — ibérica ou latina — terem sido equacionadas por Beltrán Lloris (2017, pp. 335, 340, 341), este autor considerou adequada a omissão todos e cada um dos dezassete títulos citados no parágrafo anterior.

Numa nota final, é curioso notar que Andreu (2018, p. 69) continua sem perceber que **liCine** jamais poderia consistir na “variante indígena” de *Licinius* (Faria, 1993, p. 157, 2011 [2012], p. 172).

Ναλβε[-]v. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Só uma exponencial ignorância pode levar Ruiz Darasse (2016, p. 123) a declarar que «Ναλβε\...v (*sic*) et Σεδεγον (*sic*, por Σεδεγωv) [...] présentent des éléments de formation ibérique mais ne peuvent pas entièrement expliqués comme tels».

Não pode haver quaisquer dúvidas de que

tanto Ναλβε[-]v (Faria, 2004b, p. 185, 2010 [2011], p. 97, 2016 [2017], p. 125) como Σεδεγων (Faria, 1994a, pp. 70–71, 1999, p. 155, 2001a, p. 103, 2002a, p. 134, 2003b, p. 327, 2004a, pp. 289–290, 2004b, p. 185, 2010 [2011], p. 98) constituem NNP indiscutivelmente ibéricos.

Decourt (2014, pp. 37, 51), Dana (2015, p. 132) e Gorgues (2016, pp. 197, 198) veiculam igualmente leituras equivocadas do primeiro NP: Ναλβε[-]v (Decourt e Gorgues) e Ναλβ[-]εv (Dana).

[N]αυαρυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Além de enganar-se na transcrição — [-]αυρυας em vez de [-]αυαρυας — Ruiz Darasse (2016, p. 123) assevera que o NP em apreço não é ibérico. Trata-se, no entanto, de uma asserção completamente descabida (Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 69, 1998a, p. 229, 2000a, p. 131, 2001a, pp. 99–100, 2002a, p. 129, 2004a, p. 292, 2010 [2011], p. 100, 2011 [2012], p. 166, 2016 [2017], p. 126), que deixa à vista um desconhecimento desmesurado no que toca à onomástica ibérica.

Acabámos de ver que não é fácil livrarmos-nos das lições erróneas oferecidas para o NP em questão; aqui vão mais três exemplos: [-]αυαρυας (Dana, 2015, p. 132), [-]αυαρυας (Gorgues, 2016, pp. 197, 198) e Ναβαρυας (Moncunill, 2017, p. 12, n. 15).

oTeroCeTa. Placa de chumbo (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.15.1.

Sendo certo que não se trata de segmento onomástico, não podemos permitir que Rodríguez (2018, p. 197) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da interpretação da transliteração da sequência morfemática **oTeroCeTa** (G.15.1) (Faria, 1991b, p. 195, 1998b, p. 238, 2004a, p. 289).

A autoria da transliteração **oTeroCeTa** (G.15.1) foi-nos devidamente atribuída por Silgo (1996, p. 305). Convém frisar que, em 1994 / 1995, Rodríguez ainda transliterava esta sequência como **oTiroCeTa** (Rodríguez, 1995, p. 37).

PaCaśCeTar. Marcas de *dolia*. Can Feu (Sant Quirze del Vallès, Barcelona). Panosa, 2001, pp. 524–526.

Já nos foi dado observar (Faria, 2002a, p. 123, 2009 [2010], p. 169, 2010 [2011], p. 92, 2014, p. 177) que o componente inicial deste NP ibérico, além de figurar em **bacascetei** (Correa, 1992, p. 276), constitui o radical do NL *Bac(c)asi(s)* < **bacas*, testemunhado em Ptolemeu (Geog. 2.6.71) e no genílico BACASITANO (dat.) (*CIL* II, 4625; *IRC* III, 50) (Tovar, 1989, p. 445; *TIR*, K/J-31, p. 39). Lamentavelmente, Curchin (2011, p. 310) tentou fazer-se passar por autor quer destas comparações, quer da consequente individualização de *bacas* (*male: bacas*) como elemento onomástico ibérico.

Apesar do parecer contrário emitido por Gómez-Moreno (1949, p. 246) e por Pina (2003 [2004], p. 201) (que não cita o sábio granadino), *Bacasis* < **Bacasi* < **Bacas* e **Bagar(a/o)* são duas cidades diferentes, de cujas designações, aliás — e como seria de esperar —, derivaram gentílicos também diversos, sendo BAGARENSIS (*CIL* I², 709) e BACASITANO (dat.) (*IRC* III, 50) os que correspondem a cada uma delas. Não descortinamos, por conseguinte, qualquer afinidade entre ambos os NNL, ao arrepio da opinião manifestada por Untermann (*MLH* VI, pp. 232, 243).

Creemos que as várias ocorrências de *bacas* na onomástica ibérica (Faria, 2002a, p. 123) desfazem as dúvidas manifestadas por García Alonso (2003, p. 417) a respeito da origem linguística de um NL, que, tal como muitos outros terminados em *-i*, foi adaptado à terceira declinação latina. Tão-pouco a análise de *Bacasis* como *Baca-sis*, propugnada pelo mesmo filólogo (García Alonso, 2003, p. 417), encontra qualquer justificação à luz dos *comparanda* antroponímicos.

PeciPilos. Fragmento de vaso cerâmico. Baeza (Jaén). Correa, 1989, pp. 183–189.

Não podemos permitir que Rodríguez (2018, p. 196) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da interpretação de **PeciPilos** (*Begibilos*) (Correa, 1989, pp. 183–189; De Hoz, 1994, pp. 170–171) como NP ibérico (Faria, 1995b, p. 80, 2003b, p. 317, 2004a, p. 279).

A prioridade na identificação de **PeciPilos** (*Begibilos*) como NP foi-nos reconhecida por Ferrer (2010 [2011], p. 87), mas, sem adiantar qualquer explicação, viu-se na necessidade de adicionar uma citação — Rodríguez, 2002b [2003b], p. 236 — que só podemos qualificar como

ilegítima, porquanto ignora ostensivamente a bibliografia anterior.

Podemos encontrar outra aberração protagonizada por Ferrer (2018, p. 109), aqui acompanhado por Moncunill (2018, p. 345), materializada no esforço de envolver Rodríguez na individualização do elemento antroponímico ibérico *iaí* (MLH III 1, pp. 222, 224; Faria, 1990–1991, p. 86, 1992–1993, p. 278, 2000a, p. 138, 2002a, p. 128, 2003b, p. 316, 2009 [2010], pp. 159–160). Trata-se de uma associação espúria, cuja explicação só pode residir no papel preponderante que Ferrer e Moncunill reconhecem à solidariedade nacional em prejuízo do rigor científico.

Como é óbvio, o primeiro segmento de **PeciPilos** é *begi*, e não *bigi*, devendo o mesmo ser identificado como segundo componente do ND LACVBEGI (dat.) (Faria, 1995b, p. 80, 2008a [2009a], p. 67; *contra*, Ferrer, 2018, p. 119).

PilPiliars. Mosaico. **Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991–1992, pp. 365–357; MLH IV K.28.1.

Ao declarar que, em **bilbiliars**, “[e]l suñjo -ar se podría comparar con el demostrativo vasco *har*”, Orduña (2018, p. 143) tinha por imperativo ético citar o nosso artigo em que, quinze anos antes dele, defendemos exactamente o mesmo (Faria, 2003b, p. 319). Só nos resta lamentar que não o tenha feito.

O óbice de ordem (orto)gráfica então colocado a uma tal exegese (Faria, 2003b, p. 319), que consistia na constatação do emprego de *-ar* (na nossa transliteração) em prejuízo de *-arí*, é facilmente contornável caso identifiquemos como celtibérico o signário utilizado na inscrição musiva de *Andelo* (Velaza, 2009, pp. 616–617; Beltrán Lloris & Velaza, 2009, p. 121, n. 115).

SABETANVS. *Sabe*/**Sabe* (San Sebastián de los Ballesteros, Córdoba). CIL II²/5, 529.

Há mais de 15 anos (Faria, 2003b, p. 326), criticámos Correa (2002 [2003], p. 136) por remeter SABETANVS (e não *SABETANVS) para **Sabetum*.

A nossa crítica estribava-se na eventualidade, por nós equacionada alguns anos antes (Faria, 1998c, p. 258), de *Sabe* corresponder à *Sabe Gemella* referida pelo Anónimo de Ravena (Sillières, 1990, p. 415).

Qual não foi a nossa surpresa ao termos constatado (Faria, 2016 [2017], p. 111) que Correa

(2016, pp. 312, 427) reivindicou a autoria da identificação do NL indígena *Sabe* / **Sabe* como origem do gentílico a que dedicámos a presente entrada.

É agora nossa firme convicção que o insólito comportamento assumido por Correa não teve carácter doloso, dada a retractação que tivemos oportunidade de ler muito recentemente (Correa, 2017, p. 55).

Independentemente da bondade da associação de *Sabe* a *Gemella*, sobre a qual Correa (2017, pp. 53–54) expressa fundadas dúvidas, nada impede que a abreviatura SAB, registada por duas vezes na inscrição CILA 6, 216, remeta para o NL indígena acima mencionado, uma possibilidade que Rodríguez (2010, p. 128) não conseguiu vislumbrar. Outra hipótese de indicação de origem que aqui alvitramos, igualmente descurada por Rodríguez, consiste na possibilidade de SAB se relacionar com o NL *Sabora*.

salagef. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 106.

Não podemos permitir que Rodríguez (2016 [2017], pp. 249, 253, 257) se faça passar, mais uma vez (já perdemos a conta às tentativas de usurpação), por autor da interpretação de **salagef** como NP ibérico (Faria, 1994a, p. 70, 1995a, p. 328, 1998b, p. 235, 2003a, p. 226, 2004a, p. 289, 2007a, p. 177, 2015, p. 138). Importa sublinhar que a autoria de semelhante interpretação nos foi devidamente atribuída por Panosa (1999, p. 268).

SILLIBORI (dat.). Pedestal honorífico. Mancha Real, Cerro Alcalá (Jaén). CIL II²/7, 5.

Há que segmentar este NP ibérico em **sili-bor* (MLH III 1, pp. 220, 231; Faria, 1994a, p. 68) ou em **sildi-bor* (Faria, 1994a, p. 68, 2002a, pp. 135, 136, 2008a [2009a], p. 82).

É absolutamente inadmissível o despudor com que Moncunill (2018, p. 348) veio reivindicar a autoria da identificação de uma base feminina no primeiro membro do composto. Com efeito, já se passaram quase duas décadas desde que inferimos a existência da base *sil-*, individualizando-a em diversos NNP paleobascos / aquitanos indiscutivelmente femininos (Faria, 2002a, p. 135, 2008a [2009a], p. 82).

salPiriaf. Lâmina de chumbo. El Amarejo (Bonete, Albacete). Broncano, 1989, pp. 96, 100, n.º 15.

Este NP ibérico foi por nós transliterado e identificado há quase três décadas (Faria, 1990–1991, pp. 77, 80, 87, 1992–1993, p. 278, 1993, p. 154, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163, 2008a [2009a], p. 77, 2012, p. 101), uma informação que Rodríguez (2018, p. 197) subtraiu insidiosamente aos seus leitores, outorgando a Broncano uma transliteração que não lhe pertence. O mesmo se passa, de resto, com o NP **alaPulTun**, constante do mesmo texto (Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302, 2012, p. 89), cuja lição Rodríguez atribui a Broncano. A ostracização dos nossos trabalhos configura uma prática recorrente, que conta com o silêncio cúmplice da quase totalidade dos investigadores da língua ibérica que partilham a nacionalidade com Rodríguez.

śaleibegi/śaleicugi. Vaso cerâmico. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2 F.13.4.

Em trabalho recente, Sabaté (2017, p. 169) entendeu outorgar a Moncunill (2007, p. 157) a transliteração do presente NP como **śaleibegi**, em alternativa a **śaleicugi** (*MLH* III 2, p. 446; Silgo, 2002, p. 57; Faria, 2012, p. 105). Sucede, contudo, que, tal como não pudemos deixar de referir (Faria, 2012, p. 105), já Untermann (*MLH* III 2, p. 446) havia equacionado a viabilidade de uma tal lição.

Resta acrescentar, em bom rigor, que a transliteração **śaleibegi** é da nossa autoria (Faria, 2012, p. 105), uma vez que tanto Untermann como Moncunill optaram por **śaleibeki**.

SIRASTEIVN. Estela de arenito. Alcañiz (Teruel). *E.R.Ter.* 5.

Não pudemos deixar de notar que os nossos contributos acerca do presente NP foram remetidos por Simón (2018b, p. 343, n. 3) para uma bem discreta nota de fim de texto.

Devemos reconhecer que o estilo da escrita de Simón é bastante superior ao nosso em clareza e rigor. Sucede, contudo, que os argumentos por ele esgrimidos com vista à interpretação de SIRASTEIVN como NP ibérico — invalidando, consequentemente, a exegese do mesmo como NF celtibérico — já haviam sido aduzidos por nós em mais do que uma ocasião (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005b, p. 274, 2007a, p. 173, 2015, pp. 136–137). Esperar-se-ia alguma elevação

ética da parte de Simón, dando o seu a seu dono, mas a verdade é que os precedentes já assinalados (e.g., Faria, 2014, *passim*, 2018, p. 123) recomendam que moderemos as nossas expectativas.

Seja como for, continuamos a admitir, dados os vários *comparanda* por nós invocados (e ostensivamente ignorados por Simón), que SIRASTEIVN — correspondente a **sirasteiun* ou a **sirasteiun* — deve segmentar-se em *sir-aste-iun* (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005b, p. 274, 2007a, p. 173, 2015, pp. 136–137), e não em *sir-aste(r)-(a)iun* (Simón, 2018b, p. 339), em *sir-aste(r)-eiun* ou em *sir-aste(r)-aiun(in)* (*E.R.Ter.*, p. 94).

É, pois, completamente ilegítima a atribuição a Navarro (*E.R.Ter.*, p. 94), ensaiada por Moncunill (2018, p. 348), da autoria da identificação de *sir* (ou *sir*), *aste* e *iun*, como componentes do NP em causa. *A fortiori*, tal como tivemos oportunidade de observar recentemente (Faria, 2015, p. 136), a invocação do trabalho de Rodríguez (2007 [2008]) a propósito da análise do presente NP (Moncunill, 2018, p. 348) não passa de uma despropositada manifestação de solidariedade nacional por parte desta investigadora.

TANNEGISCERRIS (gen.). Inscrição funerária (bloco paralelepípedo). Liria (Valência). *CIL* II²/14 (1), 145.

Certa ou errada, a prioridade na individualização de *giscer* no NP em questão, com base na comparação com o segmento inicial de **giscertaneś** (Silgo, 1994, p. 112; Faria, 2007b, p. 216), cabe ao autor destas linhas (Faria, 2002a, p. 131).

Como não podia deixar de ser, Rodríguez (2014, p. 169) tentou usurpar-nos a supramencionada análise.

TARBANTV. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I², 709.

Não vislumbramos qualquer razão que nos leve a crer que o presente NP ibérico, a segmentar em **TARBAN-TV**, esteja abreviado (Faria, 2002b, pp. 239–240, 2003a, pp. 216–217, 2004a, p. 300, 2005a, pp. 167–168, 2007a, p. 179).

Nunca é de mais assinalar que o sufixo *-tu* deve igualmente figurar em **CaśsuriTu** (*CNH* 343:15–16) (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a,

p. 17–18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 42–43, n.º 112, 1994c, p. 123, 1995a, p. 326, 1995b, pp. 80, 81, 1996, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 230, 1998b, p. 236, 1998d, p. 249, 2000a, pp. 122, 130, 2001a, p. 99, 2001b, p. 209, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003a, pp. 213, 215, 2004a, p. 305, 2005a, p. 167, 2007b, p. 214, 2011 [2012], pp. 161–162). A existência de *-tu* foi ignorada por Rodríguez (2002a [2003a], p. 271, 2014, p. 214), que reconhece somente o sufixo *-to*.

Não obstante ser *TARBANTV* a única leitura aceitável (Schuchardt, 1909, pp. 244, 246 e n. 1; Criniti, 1970, p. 25 e n. 64), convirá recordar que Untermann (*MLH* III 1, p. 233), na esteira de outros autores (coligidos por Criniti, 1970, pp. 25–26, n. 64), não evidenciou quaisquer dúvidas em optar por *TABBANTV*, merecendo-lhe este pretense NP o seguinte comentário (*MLH* III 1, p. 233, n. 116.1): [w]ahrscheinlich verschrieben aus *Tarbanu*. [...] Das sonst isolierte 1. Element in **tasbarikibas** E.1.337 [...] läßt auch eine Verschreibung aus *Tasbanu* möglich erscheinen”. Por outras palavras: se Untermann não reconhece a existência de *TARBANTV*, mas tão-só a de *TABBANTV*, fica feita a prova de que Rodríguez (2004b) faltou clamorosamente à verdade quando declarou que Untermann incluía *TARBANTV* entre os NNP ibéricos possuidores do componente *tarban*. Por triste coincidência, esta mesma inverdade é assumida sem qualquer pudor por Simón (2018a, p. 43). Aliás, Rodríguez (2002a [2003a], p. 269), por muito que lhe custe aceitar, comete exactamente o mesmo erro de leitura veiculado por Untermann, mas com uma agravante: acha legítima a comparação do inexistente *TABBANTV* com o segmento final de **abařtanban** (Rodríguez, 2002a [2003a], p. 269), presumível NP (Rodríguez, 2002a [2003a], p. 253) que ocorre não apenas em F.13.18, mas também em F.13.46, dando erradamente a entender que *tarban*, *tanban* e *TABBAN* configuram um único componente onomástico (Rodríguez, 2002a [2003a], pp. 253, 269). Mais tarde, Rodríguez (2014, pp. 203, 214) deu a mão à palmatória, reconhecendo o erro cometido, mas “esqueceu-se” convenientemente do nome de quem lhe ministrou a lição e do local em que a mesma ocorreu (Faria, 2005a, p. 168).

TAVTINDALS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I², 709.

Num texto pejado de numerosas imprecisões, deduz-se das palavras de Simón (2018a, p. 43) que nos cabe a prioridade na interpretação de TAVTINDALS como NP completo (Faria, 1993, p. 152, 1998b, p. 236, 2002a, pp. 128, 135, 2003a, p. 215, 2004a, p. 291, 2006, p. 116, 2007a, p. 165, 2014, p. 168). Trata-se, porém, de uma atribuição indevida (Schuchardt, 1909, p. 244). Por outro lado, escapa ao nosso entendimento que Simón (2018a, p. 43, n. 33) venha dar eco à peregrina ideia engendrada por Rodríguez (2002a [2003a], p. 269, 2014, p. 198) no sentido de *-DALS* conformar uma variante de *-tar*, como se a dental sonora não encontrasse a sua explicação natural no facto de o primeiro segmento (*TAVTIN*) terminar em nasal (*contra*, Albertos, 1966, p. 264).

Entre os vários equívocos detectados neste artigo de Simón encontra-se a atribuição a Untermann (*MLH* III 1, pp. 232, 234) da exegese de TAVTINDALS como abreviação de TAVTINDALS(*car*) (Simón, 2018a, p. 43 e n. 36). Ora, esta interpretação — errónea, quanto a nós — só figura em Untermann (1987, p. 307). De resto, Untermann, noutras passagens dos mesmos textos (Untermann, 1987, p. 307, *MLH* III 1, p. 197), dá TAVTINDALS como NP completo.

T^uurPan[?]. Cerâmica cinzenta. Abul (Alcácer do Sal, Setúbal). Correa, 2011, pp. 104–107.

Como é óbvio, são completamente compreensíveis as reservas de que se rodeou Correa (2011, p. 107) ao alvitrar a transliteração **T^uurPan[?]** para o grafito paleo-hispânico de Abul. Não estando ao nosso alcance desfazer tais dúvidas na sua totalidade, cumpre-nos trazer à colação um indício, até hoje negligenciado, de que semelhante transliteração se afigura a mais adequada. Referimo-nos à provável presença numa inscrição funerária descoberta em Cádiz, e hoje em paradeiro desconhecido, de TVRBANV[S], idionimo utilizado como *nomen* na identificação de um tal Q(*uintus*) TVRBANV[S] CRES(*cens*). González (1982, p. 208, n.º 393) preferiu ser mais radical do que nós nas emendas sugeridas, transformando Q(*uintus*) TVRB[?]ANV em Q(*uintus*) TVRP(*io*) ANN(*orum*). De qualquer modo, os problemas que se colocam à leitura e à interpretação do texto em causa só poderão ser definitivamente solucionados após o redescobrimento da lápide.

A interpretação de ∃ como <Pa> acarreta óbvias consequências na transliteração da legenda toponímica gravada nas moedas cunhadas na cidade predecessora de *Imperatoria Salacia*. Fazendo nossas as cautelas expressas por Correa (2011, pp. 110–111), **Pauipon** constitui, até prova em contrário, a transliteração apropriada da dita legenda.

ulTiPei. Lâmina de chumbo. El Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). Benages, 1990, pp. 42–43.

Em contraste com o que, com a sua proverbial aleivosia, Rodríguez (2014, p. 150) quer fazer crer, jamais identificámos o NP **ulTiPei** (Faria, 1992–1993, p. 277, 1993, p. 156, 1995a, pp. 326–327, 2000a, p. 127, 2008a [2009a], p. 62, 2008b [2009b], p. 146, 2015, pp. 125–126) como **ulTiPeiCe**. Era, pois, só o que faltava que Rodríguez (2014, p. 150) se quisesse fazer passar, mais uma vez (Faria, 2008b [2009b], p. 146), por autor da individualização do NP **ulTiPei**.

Se é certo que, durante alguns anos, encarámos *beice como segmento onomástico presente em **asTePeiCe** (F.6.1), **auruniPeiCe** (F.6.1) e ***uniPeiCe** (F.9.5) (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, pp. 303, 310), a partir de publicação do NP **astebeibas** (Artigues & alii, 2007 [2008], p. 244), corrigimos a nossa interpretação, propondo, em alternativa, a individualização nos referidos NNP do formante *bei* (Faria, 2008a [2009a], p. 62). Em face do exposto, não corresponde à verdade que “Faria (2000[a]: 128) considera seguro que sean antropónimos con un formante **beike** sendos casos de F.6.1” (Rodríguez, 2014, p. 126). Trata-se de uma afirmação falaciosa, vinda, aliás, de quem nem sequer incluía **astebei(ce)** (F.6.1), **aurunibei(ce)** (F.6.1) e **unibei(ce)** (F.9.5) entre os designados — unicamente por Rodríguez — “compuestos de tipo onomástico” (Faria, 2004a, pp. 303, 310). Não deixa de ser intrigante que, depois de tudo o que foi escrito, nomeadamente por nós, Rodríguez (2018, p. 197) ainda admita que “la existencia de un formante **beike** es dudosa”. Tal como era expectável, nenhuma bibliografia é citada.

É curioso notar que Rodríguez (2002a [2003a], p. 261) conseguiu individualizar *ibeś* em **ulTiPei-CaTe**, como se a existência daquele formante não carecesse de comprovação (Faria, 2001a, p. 96, 2003b, p. 316, 2004b,

p. 179), tendo admitido ao mesmo tempo que a dita sequência podia ser segmentada em **uldi-be-ica-te** (*sic*).

À luz das nossas reflexões acerca da provável correspondência entre *ib. uldi* e *pbsc. uri* (Faria, 2002a, p. 122), vimos agora propor, não sem as necessárias reservas, que *uribe* configura o cognado basco de *uldibe*.

[-]isePele[ś]. Pedestal de calcário cinzento. Montaña Frontera (Sagunto, Valência). *HEp* 2012, 674.

Eugenio Luján, enquanto revisor de *HEp* 2012, desperdiçou uma excelente oportunidade para assinalar que a transliteração **[-]i+ebe** deve dar lugar a **[-]isePele[ś]**.

Em alternativa às restituições **[Pa]isePele[ś]** (*MLH* III 2, p. 410) e **[su]isePele[ś]** (Rodríguez, 2002a [2003a], p. 268) — esta, atenta a *ordinatio* observada pelo lapicida, bem menos plausível do que a primeira —, importa contemplar a hipótese de estarmos perante **[u]isePele[ś]** (Faria, 2013, p. 205).

[-]LESPAISER. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I², 709.

Ferrer (2018, p. 117), além de veicular erroneamente a transcrição do NP em análise — **[-]LESBAISER** —, esqueceu-se de referir quem o precedeu na identificação da primeira letra hoje visível (Faria, 2002b, p. 240, 2004a, p. 298).

[BE]LESPAISER e **[CV]LESPAISER** constituem as restituições mais prováveis para o presente NP.

[śaril]. Fragmento de vaso grego. La Illeta dels Banyets (El Campello, Alicante). García Martín, 2003, p. 118, n.º 32.

Acolhemos de bom grado a transliteração subscrita por Correa (2018, p. 233) para a sequência que lemos como **[śaril]** (Faria, 2005b, p. 284), presumivelmente correspondente a um NP ibérico mutilado em ambos os extremos, com a juntura morféica a localizar-se antes da consoante lateral.

Resta-nos tão-somente assinalar que é esta mesma sequência de signos que ocorre no NP **iśariliCar** (Faria, 1995b, pp. 82–83, 2003a, p. 223, 2004b, pp. 178–179, 2007a, p. 167, 2007b, p. 221).

[-]JurPoCon. Pedestal de mármore branco. Montaña Frontera (Sagunto, Valência). *HEp* 2012, 667.

Copiando a postura algo displicente assumida por Velaza (2014, p. 326), Luján, enquanto revisor de *HEp* 2012, desperdiçou uma excelente oportunidade para assinalar que **[Pi]urPoCon** (Simón, 2012, p. 249) não constitui a única hipótese de restituição deste NP, podendo o mesmo corresponder alternativamente a **[a]urPoCon** (Faria, 2013, p. 205). É bem-sabido que **aur** faz parte de diversos NNP ibéricos, alguns dos quais foram coligidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 213). Entre os que o eminente linguista não repertoriou conta-se **aurgere** (C.1.9) (Faria, 2004b, p. 184, 2007a, p. 169, 2008a [2009a], p. 72, 2010 [2011], p. 92, 2012, p. 90). Também HAVRCE, NP com que principia o texto de uma estela funerária descoberta em Villartoso (Sória) (Alfaro, 2014, p. 325, 2018, p. 339; Aznar, 2017, pp. 124–126), atesta o

mesmo segmento, mas aqui com a aspiração própria da morfologia paleobasca, já aferível do cotejo entre pbsc. *hars* > bsc. *hartz/artz* e ib. *ars* (Silgo, 1988, p. 759, 2013b, p. 55; Pérez Orozco, 2007, p. 104; Vidal, 2011, p. 352).

No tocante ao elemento final de HAVRCE, cremos que deve ser identificado com o que figura em idêntica posição no NP **lecarce** (Solier, 1979, pp. 83, 84; Faria, 2002a, p. 133, 2015, p. 132).

Retomando o tratamento do NP que encabeça a presente entrada, nenhuma credibilidade deve ser reconhecida à transliteração **[-]TurPoCon** (*ad HEp* 2012, 667).

A coexistência dos NNP **[-]urPoCon** e de **ilTuPoCon** (*HEp* 2012, 666) num mesmo espaço, trate-se ou não de um santuário, fragiliza decisivamente a interpretação deste último como ND (*contra*, Silgo, 1986, *passim*).

Bibliografia citada

- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarracense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALBUQUERQUE, Pedro (2018) – A toponímia proto-histórica como ferramenta do arqueólogo? Comentários sobre uma relação problemática. *Gerión*. 36:1, pp. 141–161.
- ALFARO PEÑA, Eduardo (2014) – Iconografía funeraria indígena. Reflejos, lecturas y pautas en estelas de Tierras Altas, Soria. In BURILLO MOZOTA, Francisco; CHORDÁ PÉREZ, Marta, eds. – *VII Simposio sobre los celtíberos: nuevos hallazgos, nuevas interpretaciones*. Daroca: Centro de Estudios Celtibéricos de Segeda, pp. 321–330.
- ALFARO PEÑA, Eduardo (2018) – *Oppida y etnicidad en los confines septentrionales de la Celtiberia*. Tesis doctoral. Valladolid: Universidad.
- AMELA VALVERDE, Luis (2018) – Beterra. *Acta Numismática*. 48, pp. 101–107.
- ANDREU PINTADO, Javier (2018) – Una nueva inscripción romana de Andelo (Muruzábal de Andión, Navarra). *Anuari de Filologia. Antiqua et Mediaevalia*. 8, pp. 66–70.
- ARTIGUES I CONESA, Pere Lluís; CODINA I REINA, Dolors; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2007) [2008] – Un colgante ibérico hallado en Can Gambús. *Palaeohispanica*. 7, pp. 239–250.
- AZNAR MARTÍNEZ, Eduardo (2017) – *Tierras, gentes y voces: el legado del euskera riojano*. Pamplona: Pamiela.
- BAIÃO, António (1915) – *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho à luz de documentos inéditos. A questao da sepultura do governador da Índia*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2017) – ¿Sedes colegiales indígenas de fecha republicana en Caminreal y Andelo? In RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, Oliva; TRAN, Nicolas; SOLER HUERTAS, Begoña, eds. – *Los espacios de reunión de las asociaciones romanas: diálogos desde la arqueología y la historia, en homenaje a Bertrand Goffaux*. Sevilla: Universidad, pp. 331–344.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; VELAZA FRÍAS, Javier (2009) – De etnias y monedas: las ‘cecas vasconas’, una revisión crítica. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. – *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 99–126.
- BENAGES I OLIVÉ, Jaume (1990) – Escritura ibèrica sobre plom. *Butlletí Arqueològic*. Època V. 12, pp. 41–47.
- BILLY, Pierre-Henri (1993) – *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.

- BONET ROSADO, Helena; MATA PARREÑO, Consuelo (1989) – Nuevos grafitos e inscripciones ibéricas valencianas. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 19, pp. 131–148.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, Santiago (1989) – *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CARVALHO, António Rafael (2013) – Uma reflexão sobre a etimologia do topónimo do rio que passa em *al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal]: de rio Çaadam / Sadão a rio Sado. *Al-Madan Online*. 2.ª série. 18:1, pp. 23–39.
- CHRISTOL, Michel (1992) – Inscriptions de Nîmes avec éléments d'onomastique indigène (IACN 4–6). In CHRISTOL, Michel, ed. – *Inscriptions antiques de la cité de Nîmes IACN-21*. Nîmes: Ville de Nîmes, pp. 21–34.
- CIÉRBIDE MARTINENA, Ricardo (1996) – Leyre: onomástica del Becerro Antiguo: consideraciones. *Fontes Linguae Vasconum*. 71, pp. 119–134.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CIL II²/7 = STYLOW, Armin U.; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; ALFÖLDY, Géza (1995) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars VII: conventus Cordubensis (CIL II²/7)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CIL II²/14 (1) = ALFÖLDY, Géza; CLAUSS, Manfred; MAYER OLIVÉ, Marc; CORELL VICENT, Josep; BELTRÁN LLORIS, Francisco; FABRE, Georges; MARCO SIMÓN, Francisco; RODÁ DE LLANZA, Isabel (1995) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conventus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conventus Tarraconensis*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CILA 6 = GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; MANGAS MANJARRÉS, Julio (1991) – *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía III: Jaén. Tomo I*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1989) – Inscripción vascular indígena hallada en Baeza (Jaén). *Archivo de Prehistoria Levantina*. 19, pp. 183–189.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) – Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION*. 14, pp. 253–291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994a) – La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. 24:2, pp. 263–287.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994b) – La transcripción de las vibrantes de la escritura paleohispánica. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 21, pp. 337–341.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2002) [2003] – La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. 2, pp. 133–139.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2011) – La leyenda indígena de las monedas de *Salacia* y el grafito de Abul (Alcácer do Sal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. – *Lucius Cornelius Bocchus escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Colóquio Internacional de Tróia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 103–112.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2017) – El topónimo *Sabe Gemella*: nota a *Ravenn*. 315,19. *Habis*. 48, pp. 49–55.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2018) – Crónica epigráfica del Sudeste II. *Palaeohispanica*. 18, pp. 219–234.
- CORTÉS VALENCIANO, Marcelino (2010) – *Toponimia de las Cinco Villas de Aragón*. Zaragoza: Centro de Estudios de las Cinco Villas.
- CORTÉS VALENCIANO, Marcelino (2017) – Comentarios lingüísticos sobre el *Cartulario de Santa*

- María de Uncastillo (1099–1202). *Archivo de Filología Aragonesa*. 73, pp. 15–59.
- CORZO SÁNCHEZ, Sebastián; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; STYLOW, Aemin U.; UNTERMANN, Jürgen (2007) [2008] – *Betaton*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. 7, pp. 251–262.
- CRINITI, Nicola (1970) – *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- CURCHIN, Leonard A. (2011) – Naming the provincial landscape: settlement and toponymy in ancient Catalunya. *Hispania Antiqua*. 35, pp. 301–320.
- DANA, Madalina (2015) – Les lettres grecques sur plomb et sur tesson: pratiques épigraphiques et savoirs de l'écriture. In INGLESE, Alessandra, ed. – *Saper scrivere nel Mediterraneo antico. Esiti di scrittura fra VI e IV sec. A.C. in ricordo di Mario Luni. Atti del Convegno di Roma, 7–8 Novembre 2014*. Tivoli (Roma): Edizione TORED, pp. 111–133.
- DCCP-N = FALILEYEV, Alexander; GOHIL, Ashwin E.; WARD, Naomi (2010) – *Dictionary of Continental Celtic place-names: a Celtic companion to the Barrington atlas of the Greek and Roman World*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2002) [2003] – Centro y áreas laterales: la formación del cel-tibérico sobre el fondo del celta peninsular hispano. *Palaeohispanica*. 2, pp. 89–132.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2008) – Linguistically Celtic ethnonyms: towards a classification. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Celtic and other languages in ancient Europe*. Salamanca: Universidad, pp. 101–118.
- DECOURT, Jean-Claude (2014) – Lettres privées grecques sur plomb et céramique. In SCHNEIDER, Jean, ed. – *La lettre gréco-latine, un genre littéraire?* Lyon: Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, pp. 25–79.
- DEGAVRE, Jean (1998) – *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d'Études Celtiques.
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DÍAZ ARIÑO, Borja; MÍNGUEZ MORALES, José Antonio (2009) – Un nuevo grafito ibérico procedente del yacimiento de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Palaeohispanica*. 9, pp. 435–450.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹). Paris: Errance.
- DU CANGE (sieur), Charles du Fresne (1938) – *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, Vol. 7. Paris: Librairie des Sciences et des Arts.
- E.R.Ter. = NAVARRO CABALLERO, Milagros (1994) – *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Pessac: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- FARIA, António Marques de (1989) – A numária de *Cantnipo. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1991b) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1992a) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992b) – [Recensão de] VELAZA, Javier – *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Línguas e Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.

- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, Leandre – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] RICHARDSON, John S. – *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 257–259.
- FARIA, António Marques de (1998d) – [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÉS, P. P. – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 241–256.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.

- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FARIA, António Marques de (2018) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FERNÁNDEZ-GUERRA Y ORBE, Aureliano (1879) – *Deitania y su cátedra episcopal de Begastri*. Madrid: Imprenta de Fortanet.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) [2011] – El sistema dual de l'escriptura ibèrica sud-oriental. *Veleia*. 27, pp. 69–113.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018) – A la recerca dels teònims ibèrics: a propòsit d'una nova lectura d'una inscripció ibèrica rupestre d'Oceja (Cerdanya). In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 101–126.
- FERRER I JANÉ, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; OLESTI VILA, Oriol (2018) – Nuevas inscripciones rupestres latinas de Oceja y los *Illiviri* ibéricos de *Iulia Lybica*. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. 44:1, pp. 169–195.
- FEUGÈRE, Michel; PY, Michel (2011) – *Dictionnaire des monnaies découvertes en Gaule méditerranéenne (530–27 av. n. ère)*. Montagnac: Monique Mergoil; Paris: Bibliothèque nationale de France.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2006) [2007] – Vettones y Layetanos. La etnonimia antigua de Hispania. *Palaeohispanica*. 6, pp. 59–116.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2007) – La Geografía de Ptolomeo y el corpus toponímico y etnónimo de Hispania. In CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; LE ROUX, Patrick; MORET, Pierre, eds. – *La invención de una geografía de la Península Ibérica, II. La época imperial*. Málaga: Diputación; Madrid: Casa de Velázquez, pp. 173–193.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1990) – *El tesoro de Mogente y su entorno monetario*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- GARCÍA MARTÍN, Josep Miquel (2003) – *La distribución de cerámica griega en la Contestania ibérica: el puerto comercial de La Illeta dels Banyets*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1955) – Saneamento corográfico e toponímico. *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*. 10–11, pp. 83–91.

- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Julián (1982) – *Inscripciones romanas de la Provincia de Cádiz*. Cádiz: Diputación.
- GORGUES, Alexis (2016) – Trade in a liminal zone: commercial encounter and transformation in the Iron Age north-west Mediterranean. In ARMIT, Ian; POTREBICA, Hrvoje; ČREŠNAR, Matija; MASON, Philip; BÜSTER, Lindsey, eds. – *Cultural encounters in Iron Age Europe*. Budapest: Archaeolingua, pp. 167–210.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984a) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984b) – Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*, 1, pp. 261–265.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2013) – Linguistique et peuplement en Aquitania. In COLIN, Anne; VERDIN, Florence, eds. – *L'âge du Fer en Aquitaine et sur ses marges. Mobilité des hommes, diffusion des idées, circulation des biens dans l'espace européen à l'âge du Fer*. Actes du 35e Colloque international de l'AFEAF (Bordeaux, 2–5 juin 2011). Bordeaux: Fédération Aquitania, pp. 19–32.
- GUERRA, Amílcar (2013) – Algumas questões sobre as escritas pré-romanas do Sudoeste hispânico. *Palaeohispanica*, 13, pp. 323–345.
- GUERRA, Amílcar (2017) [2018] – Nomes de povos e de lugares da Lusitânia: 25 anos de investigação. In NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. – *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29–30 septiembre 2016)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 155–176.
- GUITER, Henri (1975) – Les bases oronymiques préromanes sur les Pyrénées méditerranéennes. *Cuadernos de Investigación Filológica*, 1:2, pp. 35–44.
- GUITER, Henri (1989) – Elementos de cronología fonética del vascuence. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*, 23:3, pp. 797–800.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HOLDER, Alfred (1896) – *Alt-celtischer Sprachschatz. Erster Band: A–H*. Leipzig: Teubner.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1981) – Algunas precisiones sobre textos metrológicos ibéricos. *Archivo de Prehistoria Levantina*, 16, pp. 475–486.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1992) – La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 330–338.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1993) – La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los iberos. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 635–666.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1994) – Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS MANJARRÉS, Julio; ALVAR EZQUERRA, Jaime, eds. – *Homenaje a José M^a Blázquez*, 2. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 167–179.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995) – Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, Addolorata, ed. – *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4–5–6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, pp. 11–44.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – Las funciones de la lengua ibérica como lengua vehicular. In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. – *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 27–64.
- ILA Auscii* = FABRE, Georges; LAPART, Jacques (2017) – *Inscriptions Latines d'Aquitaine (ILA): Auscii*. Bordeaux: Ausonius.
- IRC III* = FABRE, Georges; MAYER I OLIVÉ, Marc; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1991) – *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- IRMN* = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) – *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JIMENO ARANGUREN, Roldán; TOBALINA ORAÁ, Eva; VELAZA FRÍAS, Javier (1998) – Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*, 60, pp. 290–294.

- LAFON, René (1963) – Noms anciens de personnes et de lieux du Sud de l'Espagne d'après les inscriptions. In *Atti e Memorie del VII Congresso Internazionale di Scienze Onomastiche (Firenze 4–8 Aprile 1961)*. 3. Firenze: Istituto di Glottologia dell'Università degli Studi, pp. 401–406.
- LAMBERT, Pierre-Yves (2003²) – *La langue gauloise*. Édition revue et augmentée. (1994¹). Paris: Errance.
- LEDO CABALLERO, Antonio Carlos (1999) – El topónimo ibérico Bétera y su valor hidrográfico. In ALONSO ÁVILA, Ángeles; CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, Santos; GARABITO GÓMEZ, Tomás; SOLOVERA SAN JUAN, María Esther, eds. – *Homenaje al Profesor Montenegro: estudios de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, pp. 335–348.
- LEJEUNE, Michel (1963) – Épigraphie sud-hispanique. *Revue des Études Anciennes*. 55, pp. 5–32.
- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) – Étrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 19–59.
- LOPES, David (1902) – Toponymia arabe de Portugal. *Revue Hispanique*. 9, pp. 35–74.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2005) [2006] – Los topónimos en las inscripciones ibéricas. *Palaeohispanica*. 5, pp. 471–489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) – Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 49–88.
- MARTÍNEZ ARETA, Mikel (2018) – Indagaciones intergeneracionales en la antroponimia aquitana. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 52:1–2, pp. 517–552.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MEZQUÍRIZ IRUJO, María Ángeles (1991–1992) – Pavimento de “opus signinum” con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. 10, pp. 365–367.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1954/1985) – De onomástica aquitana. *Pirineos*. 10, pp. 409–455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 409–445].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1958) – Hispánico antiguo y vasco. *Archivum*. 8, pp. 33–47.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997⁵) – *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLHI 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: die Münzlegenden*. 1. Text. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien*. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien*. 2. Die Inschriften. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtka]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MOLINA Y PASTORIZA, Victorio (1914) – Nuevas inscripciones romanas de Cádiz. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. 64, pp. 276–279.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) – *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991–2006)*. *Tesi doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat < https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1719/NMM_TESI.pdf?sequence=1 > (consulta: 06/10/2018).
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2012) – El orden de los formantes antropónimos en la lengua ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 12, pp. 189–217.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2017) – Indigenous naming practices in the Western Mediterranean: the case of Iberian. *Studia Antiqua et Archaeologica*. 23:1. pp. 7–20.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2018) – Mujeres iberas en inscripciones latinas: estudio morfológico de los nombres femeninos en ibérico. In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 331–358.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; FERRER I JANÉ, Joan; GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín

- (2016) – Nueva lectura de la inscripción ibérica sobre piedra conservada en el Museo de Cruzy (Hérault). *Veleia*. 33, pp. 259–274.
- MORET, Pierre (2017) [2018] – *Des noms à la carte: figures antiques de l’Ibérie et de la Gaule*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá; Sevilla: Universidad.
- MÜLLER, Karl, ed. (1883) – *Claudii Ptolemaei Geographia*. I, 1. Paris: Firmin-Didot.
- NIETO BALLESTER, Emilio (1997) – *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) – *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero. Madrid: UNED.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2018) – El signo **T** de las leyendas monetales vasconas **uTanbaate** y **oTtikés**. *Palaeohispanica*. 18, pp. 137–149.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (1999) – *La escritura ibérica en Cataluña y su contexto socioeconómico (siglos V–I a.C.)*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2001) – Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 511–540.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) – Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. 63, pp. 221–229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ ROJAS, Manuel (1993) – Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la “celtización” del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad, pp. 139–266.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) – Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana: homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351–360.
- PINA POLO, Francisco (2003 [2004]) – ¿Por qué fue reclutada la turma Salluitana en Salduie?. *Gerión*. 21:1, pp. 197–204.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) – Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse (2005) – Réflexions sur les anthroponymes « à double entrée » dans le monde romain. *L’Antiquité Classique*. 74, pp. 225–231.
- RESENDE, André de (1593) – *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: Martinus Burgensis.
- ROCHA, Carlos Alberto Matias de Abreu (2017) – *Etimologia dos hidrotopónimos de Portugal Continental: história linguística de um território*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: Universidade.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1995) – *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d’Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) – Acerca de los afijos adnominales de la lengua íbera. *Faventia*. 24:1, pp. 115–134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002a) [2003a] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypselá*. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002b) [2003b] – La escritura ibérica meridional. *Zephyrus*. 55, pp. 231–245.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2004a) – *Análisis de epigrafía íbera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2004b) – Respuesta a los comentarios del señor Antonio [sic] Marques de Faria sobre mí. < www.webpersonal.net/jrr/archivos/respuesta.doc < (consulta: 23/05/04).
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] – Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y obser-

- vaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. 41, pp. 75–114.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2010) – La inscripción CILA III, 1 n.º 216, la romanización onomástica y la pervivencia de elementos indígenas en la Cástulo romana. *Veleia*. 27, pp. 123–133.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico iberos. *ArqueoWeb*. Madrid. 15, pp. 81–238 < <http://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> > (consulta: 12/04/19).
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2016) [2017] – Sobre las marcas de agente en ibero. *Philologia Hispalensis*. 30:1, pp. 233–261.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2017) [2018] – La cuestión del dativo en la lengua ibera. *Philologia Hispalensis*. 31:1, pp. 119–150.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2018) – Estudio de fenómenos consonánticos de la lengua ibera. *Veleia*. 35, pp. 189–211.
- RUIZ DARASSE, Coline (2016) – Les plombs inscrits du Languedoc ibère 25 ans après. In BARONI, Anne-Florence; BERNARD, Gwladys; LE TEUFF, Béatrice; RUIZ DARASSE, Coline, eds. – *Échanger en Méditerranée: acteurs, pratiques et normes dans les mondes anciens*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 107–125.
- RUSSELL, Paul (2006) – *VILBIAM (RIB 154): kidnap or robbery?* *Britannia*. 37, pp. 363–367.
- SABATÉ VIDAL, Victor (2017) – Para un análisis de los compuestos onomásticos en plomos ibéricos: algunos ejemplos de su problemática. In ARANDA CONTAMINA, Paloma; AVELLANAS JAÉN, Jorge; BONILLA SANTANDER, Óscar; PÉREZ YARZA, Lorenzo; TORD BASTERRA, Gabriela de, eds. – *Temas y tendencias actuales de investigación: actas de las II Jornadas Doctorales en Ciencias de la Antigüedad*. Zaragoza, 20 y 21 de octubre de 2016. Zaragoza: Universidad, pp. 159–176.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1988) – Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 95–113.
- SCHMIDT, Karl Horst (1957) – Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. 26:1–4, pp. 31–301.
- SCHMOLL, Ulrich (1962) – Zur Entzifferung der südhispanische Schrift. *Madrider Mitteilungen*. 3, pp. 85–100.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1977) – Léxico de inscripciones ibéricas de Sagunto. *Saguntum*. 12, pp. 157–190.
- SILES RUIZ, Jaime (1985) – *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO GAUCHE, Luis (1986) – *¿Ildutacon, divinidad ibérica saguntina?* *Arse*. 21, pp. 17–19.
- SILGO GAUCHE, Luis (1988) – La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. 23, pp. 757–767.
- SILGO GAUCHE, Luis (1992) – *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (1996) – Avance a un estudio de las formas flexivas en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNACÃO, José d', eds. – *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 301–310.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) – El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. 31, pp. 503–521.
- SILGO GAUCHE, Luis (2002) – Las inscripciones ibéricas de Liria. *Arse*. 36, pp. 51–79.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013a) – Miscelánea ibérica (2). *Palaeohispanica*. 13, pp. 531–537.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013b) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SILLIÈRES, Pierre (1990) – *Les voies de communication de l'Hispanie méridionale*. Paris: De Boccard.
- SILVEIRA, Joaquim da (1922) – Toponimia portuguesa (esboços). *Revista Lusitana*. 24, pp. 189–226.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2012) – La epigrafía ibérica de Montaña Frontera (Sagunto). *Madrider Mitteilungen*. 53, pp. 239–261.

- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2018a) – Las abreviaturas de los nombres personales ibéricos en el bronce de Áscoli (CIL I² 709). *Mélanges de l'École Française de Rome – Antiquité*. 130:1, pp. 41–48.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2018b) – *Cornelia Sirasteiun*: una mujer ibérica en tiempos del Imperio Romano. In *Actas del II Congreso de Arqueología y Patrimonio Aragonés (9 y 10 de noviembre de 2017)*. Zaragoza: Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias de Aragón, pp. 337–343.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2006) – *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 12, pp. 55–123.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) – Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 61–94.
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales – Balears. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco – Baliares*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Ministerio de Fomento; Ministerio de Educación y Cultura; Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOLOSA LEAL, Antonio (2000) – Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 3, pp. 143–147.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) – *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) – *The history of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UNTERMANN, Jürgen (1984) – Inscripciones sepulcrales ibéricas. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*. 10, pp. 111–119.
- UNTERMANN, Jürgen (1985) – Nuevos textos ibéricos sobre plomo. *Acta Numismática*. 15, pp. 33–46.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) – Repertorio antropónimo ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (2001) – *Die vorrömischen Sprachen der iberischen Halbinsel. Wege und Aporien bei ihrer Entzifferung*. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag (Nordrhein-Westfälische Akademie der Wissenschaften; Vorträge G 375).
- UNTERMANN, Jürgen (2005) – La lengua ibérica en el sur de Francia. In *Món Ibèric als Països Catalans. XIII Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà (14 i 15 de novembre de 2003). Homenatge a Josep Barberà i Farràs*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, pp. 1083–1100.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José, ed. (1946) – *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto "Antonio de Nebrija".
- VASCONCELLOS, José Leite de (1895) – Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal. *O Archeologo Português*. 1, pp. 65–92.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1898) – Excursão archeologica ao Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. 4, pp. 103–134.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1905) – *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1934) – Ementas gramaticais. *Revista Lusitana*. 32, pp. 275–293.
- VÁZQUEZ OBRADOR, Jesús (2000) – Toponimia de origen prerromano en la Ribagorza aragonesa, según el *Onomasticon Cataloniae*. *Braçal*. 21–22, pp. 287–325.
- VÁZQUEZ OBRADOR, Jesús (2003) – Topónimos de Arcas registrados en documentos de principios del siglo XI. *Societat de Onomàstica. Butlletí Interior*. 93, pp. 769–784.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991) – Consideraciones en torno a la inscripción ibérica de Caminreal. *AION*. 13, pp. 291–295.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1993) – Notas de epigrafía romana de Navarra. *Príncipe de Viana*. Pamplona. 198, pp. 75–82.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1995) – Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN LLORIS, Francisco, ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. – I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 209–218.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1996) – *Cronica epigraphica Iberica*: hallazgos de inscripciones ibéricas

en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989–1994). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNACIÓN, José d', eds. – *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 311–337.

VELAZA FRÍAS, Javier (2009) – Epigrafía y *literacy* paleohispánica en territorio vascón: notas para un balance provisional. *Palaeohispanica*. 9, pp. 611–622.

VELAZA FRÍAS, Javier (2014) – *Chronica epigraphica Iberica XI (2012–2013)*. *Palaeohispanica*. 14, pp. 325–346.

VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1991) – La Caridad (Caminreal, Teruel). In *La casa urbana hispanorromana (Zaragoza, 16 al 18 de noviembre de 1988)*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 81–129.

VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) – Las inscripciones de la “casa de Likine”. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 747–772.

VIDAL MORENO, Joan Carles (2011) – Comparación estadística entre elementos onomásticos ibéricos y aquitanos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 11, pp. 327–360.

VIDAL MORENO, Joan Carles (2012) – *Los vínculos europeos del substrato íbero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. [2a. edición ampliada y mejorada] [versión on-line 2.0] < <https://binper.files.wordpress.com/2012/04/vinculos.pdf> > (consulta: 08/10/2018).

VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) – *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.

VILLAR LIÉBANA, Francisco (2014) – *Indoeuropeos, iberos, vascos y sus parientes: estratigrafía y cronología de las poblaciones prehistóricas*. Salamanca: Universidad.

VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María; JORDÁN CÓLERA, Carlos; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar (2011) – *Lenguas, genes y culturas en la Prehistoria de Europa y Asia suroccidental*. Salamanca: Universidad.

ZAMORA LÓPEZ, José Ángel (2014) – Palabras fluidas en el extremo Occidente: sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo. In BÁDENAS DE LA PEÑA, Pedro; CABRERA BONET, Paloma; MORENO CONDE, Margarita; RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; SÁNCHEZ FERNÁNDEZ, Carmen; TORTOSA ROCAMORA, Trinidad, eds. – *Homenaje a Ricardo Olmos. Per speculum in aenigmate. Miradas sobre la Antigüedad*. Madrid: Asociación Cultural Hispano-Helénica, pp. 306–314.